

CRÍTICA

Dobrar as esquinas

JOSÉ MARMELEIRA 12/12/2014 - 02:21

Catarina Botelho desafia a percepção dos lugares e da realidade com fotografias atravessadas pela luz

ARTES ZONA DE ORDENAÇÃO ABERTA ★★★★★☆



Catarina Botelho regressa aos seus assuntos: a arquitectura, a cidade, a dicotomia interior/exterior

Diante das fotografias que compõem *Zona de Ordenação Aberta*, de Catarina Botelho (Lisboa, 1981), poderá surgir aquela sensação irreprimível que Susan Sontag refere no ensaio *Mundo-Imagem*: a de que o processo fotográfico é uma coisa mágica. Nesta exposição, porém, “a magia” não surge associada apenas a uma apreensão ou a uma imobilização do real (como a ensaísta sublinhava). Significa, também, ilusão. Vibrando sob a luz, as fotografias parecem mover-se. Podiam ser ecrãs onde se projectam planos fixos de um filme ou de um vídeo. Revele-se o artifício: as fotografias de *Zona de Ordenação Aberta* estão suspensas a partir do tecto e sujeitas a um intenso de foco de luz que as ilumina na sala escurecida. Esta exposição, integrada no programa do Festival Temps d’Images, é, aliás, estranha à iluminação natural, pois só pode ser vista a partir das 17h. Tal desafio à percepção, com imagens feitas à escala humana atravessadas pela luz, surge inédito na obra de Catarina Botelho. E diga-se o mesmo do outro repto que a

sala do Teatro da Politécnica lança ao corpo de quem chega. Ao lado, ao fundo ou atrás das fotografias, estão telas brancas com a mesma dimensão. Instala-se a dúvida. Também haverá fotografias do outro lado? Haverá mais fotografias? Para obter uma resposta, será necessário percorrer o palco e a encenação criada por Catarina Botelho.



★★★★☆

Zona de Ordenação

Aberta

(<http://lazer.publico.pt//341998>)

Artista(s): Catarina Botelho
Lisboa. Teatro da
Politécnica. R. Campo de
Ourique, 120. Tel.:
213916750. 3ª a 6ª das
17h às 23h; Sáb. das 15h
às 23h. Até 13/12.

Na exposição, regressam assuntos explorados noutras ocasiões: a arquitectura, a cidade, a dicotomia interior/exterior. Como aconteceu no ano passado, em *Inventário* (no espaço A Montra, em Lisboa) ou na série *Memória Descritiva* (realizada na Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo, e publicada no jornal do programa Próximo Futuro, da Fundação Calouste Gulbenkian), não se vêem corpos humanos. Apenas sinais, vestígios discretos da sua acção ou da passagem do tempo sobre as coisas. Na deambulação por uma cidade (Santander, Espanha), a artista recolheu imagens de esquinas, de cantos, de paredes, atenta aos cromatismos dos espaços e, porventura, à tridimensionalidade que eles sugeriam. Há relevos e ângulos, esquinas monocromáticas, coloridas ou com duas cores que, enquadradas nos ecrãs, animadas pela luz,

se furtam a qualquer referencialidade exterior; face ao mutismo das suas superfícies, aos contrastes que as suas linhas desenhavam, parecem abstracções. A artista não registou imagens onde se vislumbram os efeitos de uma violência (como aconteceu nos passeios que precederam *Inventário*) mas superfícies anónimas, banais, o que facilita um afastamento do real, a presença de uma irrealidade. Esse afastamento é, todavia, passageiro. As dimensões das fotografias permitem que os espectadores vejam as marcas deixadas pelas pessoas (sujidade, tinta) ou imaginem, naquelas esquinas, a fugacidade de um passar apressado, de uma queda, de uma espera, de um beijo. São tentados a mergulhar nas fotografias, nos detalhes daquelas ruas, tornados estranhamente translúcidos. É por meio da luz que o espectador se confronta com aqueles lugares, não pode não o fazer. Encontra, assim, as marcas da (sua) humanidade, e nesse encontro é-lhe permitido reencenar o próprio passeio de Catarina Botelho. Para ver, tem de percorrer as sombras no chão, distinguir o exterior do interior, contornar os ecrãs brancos. Tem, em suma, de dobrar as esquinas.

